

Análise heurística da produção sobre teoria(s) da fotografia nos grupos de pesquisa do CNPq

Sabrina Ruggeri, Ana Taís Martins Portanova Barros (orientador)

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, UFRGS, Departamento de Comunicação

Resumo

Este trabalho é parte de uma pesquisa maior intitulada “O estado da arte da pesquisa em fotografia no Brasil: imaginários, ciência, senso comum”, que busca analisar os paradigmas e imaginários da produção acadêmica brasileira sobre o que poderia ser considerada uma teoria ou filosofia da fotografia num período de dez anos (1999-2009). A pesquisa se estende a outras áreas do saber além da Comunicação, como as Artes e a História, buscando uma compreensão mais ampla da pesquisa brasileira em fotografia.

Introdução

Este subprojeto corresponde ao levantamento e análise de 28 trabalhos sobre o assunto encontrados junto ao CNPq. Com a análise heurística se buscará compreender como a fotografia tem sido teorizada, quais os pressupostos e os paradigmas que mais orientam estes trabalhos, e por fim, quais os imaginários expressos nestes saberes. Para a compreensão enquanto Filosofia da Ciência, um dos autores que orientam a análise é Paul Feyerabend, para o qual a ciência é um “empreendimento anárquico por natureza” (FEYERABEND, 1991, p. 168). Feyerabend é responsável pelo anarquismo teórico e por criticar a própria auto-imagem da ciência, “[...] as decisões referentes ao valor e ao uso da ciência não são decisões científicas: são antes o que se poderia designar por decisões ‘existenciais’; são decisões para viver, pensar, sentir, agir de determinada maneira” (FEYERABEND, 1991, p. 141).

Os Estudos do Imaginário de Gilbert Durand guiam a investigação sobre os próprios imaginários encontrados no corpo empírico, para este autor, o imaginário nasce no momento em que o homem se apercebe de sua corporeidade e de sua finitude. Trata-se de um trajeto

antropológico em que, de um lado, estão as pulsões provindas do substrato arquetipal, e do outro, coerções físicas sociais, formando ao fim, imagens de equilíbrio. Durand (1997) aponta ainda a importância de nosso reservatório imagético, onde a memória humana acolhe a todos em sua função de anti-destino, de fonte primordial de esperança:

Longe de estar do lado do tempo, a memória, como o imaginário, ergue-se contra as faces do tempo e assegura ao ser, contra a dissolução do devir, a continuidade da consciência e a possibilidade de regressar, de regredir, para além das necessidades do destino. É essa saudade enraizada no mais profundo e no mais longínquo do nosso ser que motiva todas as nossas representações e aproveita todas as férias da temporalidade para fazer crescer em nós, com a ajuda das imagens das pequenas experiências mortas, a própria figura da nossa esperança essencial. (DURAND, 1997, p. 403)

Metodologia

Como metodologia utilizou-se um protocolo de análise heurística que abrange três aspectos da teoria da fotografia: a existência ou não de uma ontologia fotográfica, a relação da fotografia com a realidade e a potencialidade criativa da mesma. O protocolo se divide em cinco questões, a primeira investiga a própria ontologia da fotografia, considerando, primeiramente, se o trabalho nega a existência de alguma característica fundadora da fotografia, se a traz para discussão, ou ainda, se for o caso de aceitá-la, de que maneira apresenta esta posição epistemológica no trabalho, se o faz explicitamente ou veladamente.

A segunda questão procura identificar qual seria esta característica ontológica, se se trata de seu caráter sógnico ou de alguma outra que não esta. A terceira, busca identificar se a característica indicada anteriormente é colocada em discussão ou se é assumida como uma evidência, um pressuposto. A quarta questão trata da relação da fotografia com a realidade e apresenta como categorias de investigação as noções ou conceitos de ciência, conhecimento, técnica, verdade e racionalidade. Por fim, a última questão do protocolo analisa como se dá a discussão da criatividade na fotografia, se ela é feita através da noção ou conceito de subjetividade ou através da noção ou conceito de imaginário.

Resultados

Até o momento, foi analisado 50% do corpo empírico. Em relação à ontologia da fotografia, 7 deles apresentaram a questão em forma de discussão e os outros 13 assumiram uma característica como fundadora da fotografia, o caráter sógnico desta. Sobre a relação da fotografia com a realidade, 13 trabalhos a colocaram enquanto indício de verdade, 2 enquanto

conhecimento, outros 4 a apresentaram como um indício técnico e apenas 1 trabalho como ciência. Em relação à criatividade, 17 trabalhos apontam a fotografia enquanto produção subjetiva, individual, enquanto 3 deles a apresentam enquanto produção coletiva do imaginário.

Em suma, os resultados apontam que a maioria dos pesquisadores assume o caráter sîgnico como a característica fundadora da fotografia, demonstrando como o campo dá continuidade à herança estruturalista. Em sua relação com a realidade, a fotografia é vista como indício de verdade, são recorrentes as relações com o campo da História, conferindo-lhe o estatuto de documento. Sobre a questão da criatividade, a grande maioria aponta a fotografia enquanto produção subjetiva, individual, raramente sendo problematizada como produção coletiva, sintonizada com o imaginário.

Referências

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

___ **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.

___ **O imaginário : ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

___ **Adeus à Razão**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1991.

MAFFESOLI, Michel. **À sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia**. São Paulo: Zouk, 2005.

___ **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

___ **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.